

O BALUARTE

Semanário defensor do operariado

Administração e redacção provisória: Sede dos
Sindicatos Operários. R. Governador Malavinho, 5.

Redactor principal: João da Silva
Editor e Administr.: João F. Macedo

Composição e impressão: R. do Gracioso Melo
Vinho, Guimarães. Preço actual, 5 cent. (50 res.)

AMOR LIVRE

Amor livre não é, como alguns pretendem e outros julgam, as relações sexuais havidas de momento em praça publica, ou num andar registado sob um número de policia.

Amor livre não é a necessidade de satisfazer um desejo natural, cumprindo uma exigência simplesmente fisiológica, aproveitando-se uma oportunidade que o acaso dispõe no meio falso em que a sociedade vive!

Amor livre não é a união vulgar que por ai se faz, quando dá parte do homem existe o preconceito de não dar o seu nome à companheira, porque entende que não é digna d'ele.

Amor livre é o mais belo sentimento de assimilação da vontade e do pensamento que se reúne em dois individuos de sexo diferente. É um todo formado pelo homem e pela mulher que se completam, que buscam a vida em comum, sem dependências de códigos ou de leis que determinem as suas funções, juntando-os ou apartando-os por simples convenção social.

Vivem juntos porque se querem, se estimam no mais puro, belo e desinteressado sentimento de amor; vivem juntos porque é essa a sua vontade, e não estão ligados

por determinação alheia nem por interesses que a um digam respeito.

Tão pouco se estremecem pelo único desejo de cópula, que é naturalmente uma consequência de aproximação e da afinidade de sentimentos.

Quando existem incompatibilidades, quando por qualquer circunstância um caia no desagrado do outro, nada os força a viverem juntos, e não buscam leis de separação porque as não tiveram de junção.

Amor livre é o mais vivo testemunho de sinceridade do amor que existe entre o homem e a mulher; no amor livre cessa em absoluto qualquer desconfiança que na actualidade existe, muitas vezes entre casais.

A dúvida, a desconfiança, a incerteza, nunca poderão existir no amor livre porque o homem ou a mulher não necessitam de recorrer, como agora, à dissimulação, à mentira, ao engano para encobrir muitas vezes no mais intimo do seu ser, qualquer novo sentimento affectuoso que alguém lhe possa ter merecido.

Amor livre é a plena liberdade de amar e não a forma hipócrita do casamento, em que o homem e a mulher, ligados indissolivelmente pelo casamento civil ou religioso são obrigados pelo preconceito a suportarem-se com enjôo, bei-

DEFINIÇÕES SOCIAIS

Divisão de fronteiras

Divisão de fronteiras é o limite dos dominios dos ambiciosos, dos egoístas, dos parasitas.

Divisão de fronteiras é a falsa definição das patrias, a odiosa conservação das raças.

Divisão de fronteiras é o sustentáculo dos patifes, dos governantes, dos potentados; a consumição da opressão dos humildes, dos escravizados, das classes aladas.

Divisão de fronteiras é, finalmente, a causa da miséria das classes submissas, a conservação de toda a caterva de mandatários, cujo fim é viver à custa do derramamento do nosso sangue.

Abaixa a divisão das fronteiras!

Braga.

OLIMPIO MORENO.

A injustiça é a pior das desordens.

CARLYLE.

jando-se em público com fel nos lábios e a mentira no coração, e ferindo-se em todas as formas e feitios a alcova conjugal.

E ponham nisto os olhos as mulheres que aceitam o poder despótico dos maridos que as submetem pelo casamento a este ou àquele capricho seu agrado, ou as que se entregam ao poder dum marido que, conforme a lei o declara, será o seu dono e o seu tirano, embora seja muitas vezes um amigo sincero e até dedicado.

António C. Altavila.

Respondendo...

No passado numero do nosso jornal lançamos, para responder quem competisse, umas inocentes perguntas.

Mau grado vosso, sai nos à estacada o amanuense do Matadouro Municipal, criatura por quem mantemos alguma consideração, lamentando que ele não tivesse olhos para ver que quem lhe recomendou o sermão o comprometeu.

¿Com que então, pode nos garantir o optimo estado das carnes abatidas?

¿Não acha que no arrazoado que o amigo assinou e publicado na «Alyorada», nos faz ver que está fora do seu dever?

O sr. Alves precisa de saber que amanuense significa escrevente, copista numa secretaria, e veterinario, scientista que trata das doenças dos animais, e que não é nem pode ser uma e a mesma coisa e senão para o quê aconselhamo-lo a que pergunte a seu Pai quanto gastou consigo e nos seus estudos para amanuense e quanto gastou com os estudos de seu irmão para o fazer um veterinario.

Finalmente, aconselhamo-lo a que diga aos responsaveis do desmazelo que vai pelo Matadouro que nos respondam e que não joguem a pedrada por detraz do snr.

E agora a quem compete:

¿Não chega ainda a receita da Camara, depois do agravo dos impostos, para pagar convenientemente a alguem que com proficiencia vele no Matadouro pela saude publica?

Se nos disserem que não, perguntar lhe hemos novamente se são insaciaveis ou mans administradores os senhores da Camara?

Prezados amigos:

Venho tarde? Mas venho a tempo.

Não me quero desculpar, mas dizer a verdade. Recebi «O Baluarte» ha já 4 semanas e... nada; não acusei a sua recepção devido ao meu estado de saude. Felizmente, hoje estou melhor.

Aos amigos João da Silva e Macedo envio daqui um abraço espiritual pela coragem que mostraram com a publicação de «O Baluarte».

Oxalá não desaniméis e a classe operaria saiba avaliar o vosso esforço, coadjuvando-vos, pois com o aparecimento dêsse campeão a classe operaria não se deixará asfixiar, zurzindo a cáfila burguezia e exprobando-lhe bem o procedimento indigno e abjecto.

Espero, pois, que os meus irmãos de trabalho dessa minha saudosa terra saibam cumprir o seu dever, que eu, pelo que me toca, farei quanto poder para que «O Baluarte» viva por longos anos.

Porto, 16 de Novembro de 1920.

Amigo certo,

JOÃO MACEDO.

Horas anárquicas

A ORFÃ

A meu tio Duarte A. F.

*Sou uma pobre abandonada,
¿Quem de mim não terá dó?
Ando neste mundo só,
Como ave refugiada.*

*Minha Mãe, essa, coitada,
Vive no mundo, além,
Devido à guerra, também
Meu pai lá tem a morada,*

*¿Quem não ha-de reprovar
As patrias, o capital?
Pots se me fazem andar,*

*A passar por todo este mal,
Pelas ruas a mendigar,
Sem ter casa, triste choupal.*

Braga.

OLIMPIO MORENO.

O casarão

Este conhecido pardieiro que albergava tantas familias pobres, está sendo demolido, sem que a Ex.^{ma} Camara queira saber se essas familias tem onde se alojar.

Que importa que sejam desrespeitados os preceitos da higiene? Que importa que os operarios vivam para aí como em verdadeiras cavalariças? Que importa que não haja casas com escritos? Que importa que por toda a espécie de artimanhas, o senhorio ponha na rua o caseiro?

E' bem lamentavel e vergonhoso que nada disto importe à Ex.^{ma} Camara que apenas dispõe de tempo para tratar de açucar!

Pão! — eis o nosso grito.

Rectificação

No terceiro verso da ultima quadra do «Hino Revolucionario» publicado no nosso numero passado, onde se lê «A fazer a revolução», deve lêr-se: «Fazer a revolução».

Fica assim rectificado o engano.

PROTESTO

O movimento de protesto que o povo encetou deve fazer ver aos actuais governantes que a sua conduta tem sido péssima e que o seu fim se aproxima. O povo não quer ser mais explorado.

Abaixo os açambarcadores!
Abaixo os parasitas!
Viva a emancipação social,

Operários de Guimarães!

LÊDE "O BALUARTE,"

Vosso dedicado defensor!

(Propriedade da Empresa de "O BALUARTE.")

Resposta a um desqualificado

Sr. Redactor:

Mais uma vez lhe peço a fineza de publicar no seu benemerito jornal, esta carta que tem por fim fustigar uns articulistas pedantescos que nas colunas de um jornal desta terra que intitularam «Gil Vicente», quiz demonstrar, em calao afadistado, que os direitos canonicos não permitiam o acompanhamento ao cemiterio do cadaver de Domingos Eugenio, a nenhum homem de saias.

Este quixotesco articulista que, escrevendo no «Gil Vicente», está des-honrando o nome do grande dramaturgo vimaranense, conspurcando-lhe a memoria, deixou-nos a impressao, com os seus conhecimentos intimos de direito canonico, que é socio do redondo, e, por isso... abotoar carce-las.

Queira a grande besta feita jornalista perguntar ao seu rev. colega de redacção ou a si mesmo, se os direitos canonicos permitem que se desonestem senhoras casadas ou viuvas e filhas inocentes e medite, se raciocinar pôde tal besta, quão tortos são os direitos que tão intimamente conhece.

Supondo atingir os manufactores de calçado, fala o supracitado bifronte em tombas, ignorando que a tromba de tal tomba pode ser arrazada como o foi Sodoma e Gomorra.

Na local antecedente á que nos estamos referindo, atinge o desqualificado articulista em linguagem pedantescamente depravada, o correspondente nesta cidade para o «Primeiro de Janeiro», porque este teve a hombridade de azorregar o açambarcador o que me faz crêr que o misero articulista do infeliz «Gil Vicente», acumula esta profissao.

De modo que a odiosa cavalgada, o debochado socio do redondo, colega da mundana Madalena a quem Jesus perdoou, não obstante os tais direitos canonicos, dignificou o açambarcamento, desrespeitou um morto e amesquinhou o trabalho.

A figura, ascorosamente efeminada, de carcassa viciosa de cobarde vampiro, definiu-se.

E' tudo, menos pessoa honrada e honesta.

Resta-nos o pezar de que esteja um manufactor de calçado a trabalhar para calçar o referido bifronte que devia ser calçado por um ferrador como os burros seus semelhantes (desculpem estes a desonrosa comparação).

No proximo numero prenderemos mais curta a irrequieta cavalgada para melhor a fustigarmos.

GUIMARÃES.

LOGICO

Casa sem pão...

Depois de falidos todos os meios suasórios empregados pela U. dos S. O., eis que ontem se precipitaram os acontecimentos. De quem a culpa? De todos menos de nós operarios que nos vimos forçados a enveredar por tal caminho, depois de cheios de sermos escarnecidos.

Conforme estava anunciado, realizou-se o comicio publico, não no sitio designado, por a isso se opôr a autoridade, mas nos nossos Sindicatos. O que êle foi todos viram. A imponencia que êle revestiu todos a sentiram. Na face da maioria dos assistentes reinava a fome.

Depois de alguns oradores fazerem ver o pé em que se encontrava a questao das subsistencias, ou melhor do milho, ou melhor ainda do pão, o que aconteceu? Não nos compete a nós os comentarios ou classificação, mas no entanto, juramos á fé de quem somos, termos a consciencia tranquila. Praticaram-se desacatos? Coisas proprias da exaltação popular. A fome não tem lei. O que hontem se fez no mercado semanal porque se não fez antes, como pretendiamos, evitando-se assim o acontecido a tempo?

«Casa de pais, escola de filhos» e por tal conservamos o adagio herdado: «Depois da casa roubada trancas á porta». Mas ainda bem. Reflectam, senhores proprietarios e mercieiros, se outro mal maior querem evitar.

ADALBERTO.

O exercito usa espingardas. Com elas pode matar muitos homens, mas o que não pode é exterminar uma ideia.

JOAQUIM DICENTA.

Divagando

Quando ontem de minha casa vi a multidão de esfo-meados, rotos e miseraveis seres, correndo, de sorriso brincando na face, talvez com ideia de um pouquinho de viveres para intrujar o estomago, matando quem a eles matava, a fome, em direcção a Creixomil, talvez a casa d'esse toutsurado ministro de Cristo, a completa negação da sublimidade do Catholicismo, o padre Ramalho, senti tristeza, senti que tudo em mim era revolta. E porquê?

Porque em meu cerebro se fez, rapidamente, o contraste da forma de viver de quem tudo produz, que nada possui a não ser a fome, com o viver d'esses bandidos que nasceram para gosar, escravizando.

Mão na consciencia e dir-me-hão se tive ou não razão na intima revolta que senti.

CARLOS SORANO.

O Estado não é mais do que uma eugrenagem, pela qual, muita gente se esforça, por meio de ludibrios e ficções para viver á custa do maior numero.

BASTIAT.

Consta-nos que o «Gil Vicente» traz no seu proximo numero artigos infamissimos de criaturas corruptas.

De todos os modos e por todos os feitos não-de obter resposta satisfatoria.

Assinaturas:

Trimestre	\$65
Semestre	1250
Annual	2860

A fôrça moral do padre é filha da fraqueza fisica das multidões.

ROMEU MANZONI.

Do Forte de Monsanto

Eu te saúdo, meu nobre «Baluarte», e oxalá que tu apparecesses á luz numa hora feliz e que o operariado a quem defendes olhe para ti com bons olhos, como é seu dever. Para isso és o seu defensor.

O que eu muito admiro é que haja individuos que tenham a «hombridade» de devolver-te á redacção!

Admiro e lamento deveras que tal aconteça! E desde já peço ao camarada redactor que traga para a luz os nomes d'esses «bons» camaradinhos que com certeza são dos tais que se põem de cocoras perante os industriais, para estes lhes applicarem uns açóites naquella sitio onde as costas perdem o nome.

Naturalmente esses nescios tiveram medo que o patronato soubesse que eles liam o «Baluarte», defensor da causa operaria e do publico em geral, alias, contra os açambargatunos, exploradores da miseria humana.

E' possivel que esses camaradinhos sejam dos tais que se prestam a servir a burguezia para continuar com a opressão por mais algum tempo; mas esse tempo já não pode ser muito duradouro, porque as horas estão-lhe contadas, visto como o clarão vai-se divisando bem proximo.

E' possivel tambem que esses camaradinhos tenham receio de passar pelas masmorras, onde a ferros da republica se encontram operarios amarrados, vitimas duma vingança e duma infamia dos reaccionarios monarchicos que por aqui abundam, como nessa nossa terra natal. Mas tenho a certeza de que já mais verão realizados os seus desejos. Terão de viver de esperanças, como os sebastianistas.

Daqui a pouco não ha monarchia nem republica que se aguente, porque os trabalhadores vão despertando, de forma tal que a burguezia não terá quem a defenda nem a isso se atreverá, porque os trabalhadores hão-de tomar posições de defeza. E não julgue a burguezia que nas prisões se exterminam ideais; não julgue a burguezia que com a opressão atenua o seu mal. Não, não atenua, porque quanto mais oprimida se ha-de ver, porque a razão e a verdade estão do nosso lado.

Por isso, camaradas, estudaí e educai-vos. Lêde o nosso «Baluarte» que de vos dirá toda a verdade e vos indicará o caminho a seguir.

Eu, apesar de ser um dos atingidos, ainda não esmoreci nem esmorecerei: — defendo ainda o mesmo ideal, anima-me ainda a mesma fé inquebrantavel, para em occasião oportuna ir defender os meus e vossos direitos.

E, camarada redactor, para vergonha d'esses imbecis que lhe devolveram o

FACTOS EVIDENTES

Por mais que o operario reclame e a imprensa chame a atenção, os governantes nada fazem para evitar a crise.

De dia para dia aumenta a miseria e mais gente sem trabalho se vê.

Industrias há que dentro em pouco paralizam se o governo não lhe facultar o indispensavel para a sua laboração, e não acabar com a ganancia dos parasitas que de dia para dia maior sêde teem de acumular fortunas.

Por todos os lados se ouvem clamores de fome. A mendicagem alastra. A velhice treme de pavor perante esta agruosa vida. As crianças assaltam de todos os lados o transeunte para lhe pedirem pão.

E' um horror!...

De momento a momento, ouve-se dizer que aqui ou ali appareceu alguem morto de fome. Esfacela-se-nos a alma, chora-nos o coração de dôr ao ver tamanha calamidade, tamanha desventura!

Isto revolta, mas os governantes de nada se importam. Vêem tudo com desdem, entre risos e banquetes apraziveis; isto enquanto o infeliz produtor geme com a miseria, morre de fome por todos os cantos e esquinas.

E' mais uma das inumeras provas de «fraternal amizade» que nos dão os illustres governantes.

Mas já não há que estranhar nem que duvidar. Sempre assim foi em todos os tempos. São factos irrefutaveis que nos mostra a evidencia.

Braga.

OLÍMPIO MORENO.

OFICINA DE CARPINTARIA

Madeiras e pregagens

Encarrega-se da construcção e reconstrucção de obras da construcção civil, referentes a carpintaria

Alfredo da Costa e Silva Guimarães

Rua de S. Torcato, 10 — GUIMARÃES

«Baluarte» peço-lhe que me tome na conta de seu assinante—apezar de me encontrar a ferros desta bastilha.

E termino para não estar com mais comentarios.

Viva o «Baluarte»! Viva a emancipação operaria!

ANTONIO JOSÉ PEREIRA

Preso por questões sociaes.

(Forte de Monsanto. Sala n.º 4).

Psicologia Social

Crimes bárbaros

E' no presente momento que o nosso coração se esfacela. Acabamos de assistir a uma scena tragica e comovente. Há poucas horas marcharam daqui forças que se destinam á França.

São homens que vão lutar pela defeza da chamada patria. A sua partida é um pavor. Por todos os lados se ouvem choros convulsos, gritos e ais comoventes.

Aqui é um filho abraçado ao pai, homem de avançada idade que fica sem o seu auxilio; ali é um pai abraçado no filho de tenra idade que fica sem o seu amparo e sem chegar a conhecer o autor dos seus dias; além é uma esposa a despedir-se de seu marido, talvez por toda a vida.

Todos se despedem como se fôsem baixar já á vala comum para todo o sempre. Não ha quem resista ao choro, quem se não sinta eivado duma certa emoção. Voltamo-nos para todos os lados e de todos vemos a mesma comovente odisseia.

Sangra-nos o coração, apunhala-se-nos a alma, ao vermos este comovente e tragico quadro de miseria. Mas o que mais nos aterra ainda, o que mais nos preocupa, é a despedida dum pobre ancião para com um seu ente querido—rapaz esbelto e quasi imberbe, o qual o une ao peito num abraço e lhe diz, com a voz tremula de comoção e de pai estremecido: adeus, meu querido filho, adeus. Vais morrer e matar em prol duma coisa que para nada te serve.

A patria, essa infame patria, não é tua mas sim dos governantes, daqueles que te obrigam a matar e a morrer, sem que isso te seja util.

Que amarguras sentia aquele pai, que verdades amargas aquele coração diria? Mas os governantes, os parasitas de nada se importam. A dor que punge aquelas familias não os allige, não os preocupa.

E o comboio deu o sinal de partida, pôs-se em andamento e lá foi seguindo o seu destino, entre gritos e ais das familias dos expedicionarios, das victimas do capital, a quem os pobres soldados vão servir, e do eco ensurdecedor dos instrumentos da banda regimental que, como coisa irrisoria, como afronta, lhe toca o chamado hino patrio, essa banal illusão, talvez como sinal de escarnio por os soldados se sugeitarem a abandonar o lar paterno, familiar, conjugal, para irem defender quem os mata com balas e fome.

Forte barbaridade! (¹)

OLÍMPIO MORENO.

(¹) Este artigo foi escrito quando partiram os primeiros contingentes de Braga para França.